

---

## **Livros do Brasil: uma editora portuguesa para a literatura brasileira (1940-1970)**

*Books of Brazil: a Portuguese publisher  
for Brazilian literature (1940-1970)*

Gilberto Gilvan Souza Oliveira  
Universidade Federal do Ceará

### **DOI**

<https://doi.org/10.37508/rcl.2020.n44a413>

### **RESUMO**

O artigo analisa a trajetória do editor Sousa Pinto e suas relações com o Brasil, em especial a partir da organização da Quinzena do Livro Português realizada no Rio de Janeiro, em 1941, e da sua editora, a Livros do Brasil. Interessa-nos, sobretudo, compreender como os trânsitos de sujeitos e livros por além-mar projetou a literatura brasileira em Portugal.

**PALAVRAS-CHAVE:** livros do Brasil; coleção; literatura brasileira.

### **ABSTRACT**

The article analyzes the trajectory of the publisher Sousa Pinto and his relations with Brazil, especially from the organization of the Portuguese Book Fortnight held in Rio de Janeiro, in 1941, and from his publisher, Livros do Brasil. Above all, we are interested in understanding how the transits of subjects and books overseas projected Brazilian literature in Portugal.

**KEYWORDS:** books of Brazil; collection; Brazilian literature.

## Sousa Pinto e o Brasil

Terminada a Quinzena do Livro Português, em que a Exposição e as palestras culturais na Biblioteca Nacional, como a noite de poesia portuguesa e o concurso entre as livrarias da capital de vitrines ornamentadas em homenagem ao livro português, foram etapas mais destacadas, cumpre-me manifestar a v. excia. o nosso reconhecimento, pelas sucessivas demonstrações de apreço pela iniciativa, sobejamente evidenciadas, pelo desenvolvido noticiário inserto no jornal que v. excia. proficientemente dirige (QUINZENA, 1942).

O excerto acima pertence a uma carta de António Augusto de Sousa Pinto Júnior,<sup>1</sup> organizador da Exposição e Quinzena do Livro Português,<sup>2</sup> destinada a André Carrazzoni, diretor do jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, em que o editor português agradece o empenho dedicado à divulgação do evento.<sup>3</sup>

A missiva termina com algumas conjecturas e projeções que podem ser consideradas representativas da trajetória de Sousa Pinto por além-mar:

[...] a obra de divulgação cultural através do intercâmbio do livro, em que andamos empenhados, tanto no Brasil, quanto em

---

1 António Augusto de Sousa Pinto Júnior nasceu no Porto, em Portugal, filho do brasileiro António Augusto de Sousa Pinto, viveu sua infância em Angola. Depois regressou a Portugal e veio para o Brasil no início da década de 1940, onde morou durante quatro anos e, em seguida, retornou para sua terra natal. Ao longo do artigo nos referiremos a ele apenas como Sousa Pinto.

2 Em consonância com essa iniciativa, em 1942, em Portugal, seriam executadas ações semelhantes para a promoção do livro e das letras brasileiras.

3 Sousa pinto enviou carta de agradecimento para outros jornais. Contudo, apenas o tabloide *A Noite* realizou a publicação na íntegra. Já o *Correio da Manhã* apenas lançou uma pequena nota intitulada “Ecos da ‘Quinzena do Livro Português’”.

Portugal e seu império, prossegue com entusiástica persistência congregando à sua volta as mais dedicadas figuras do intelectualismo luso-brasileiro. Para sucessivos passos desta cruzada, ousamos contar com o apoio de v. excia. e a colaboração do seu muito apreciado jornal, na certeza dos quais reiteramos nosso agradecimento (QUINZENA, 1942).

A exposição e a quinzena em análise foram realizadas na Biblioteca Nacional brasileira, em 1941, e concebidas por António Ferro, então diretor da Secretaria de Propaganda Nacional (SPN) de Portugal, e Lorival Fontes, responsável pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Brasil, e ambas as atividades receberam patrocínio dos órgãos aos quais os dois eram filiados.

Além disso, o Grémio Nacional de Editores e Livreiros<sup>4</sup> teve uma importante participação na concretização do evento, tendo em vista que foi um dos principais articuladores, por intermédio da editora e livraria Livros de Portugal, na gestão e no envio das obras que seriam expostas no Brasil.

No intuito de melhorar a execução desse projeto, foi organizada uma comissão composta pelo ministro da Educação do Brasil, Gustavo Capanema, o embaixador de Portugal, Martinho Nobre de Melo, o presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, José Carlos de Macedo Soares, o presidente da Academia Brasileira de Letras, Levy Carneiro, os diretores do DIP e da SPN, do Instituto Brasileiro de Alta Cultura, Herbert Soares, do Real Gabinete Português de Leitura, Albino de Sousa Cruz, e do Liceu Literário Português, José Rainho da Silva Carneiro. A presidência da comissão coube ao chanceler Oswald Aranha, ministro das Relações Exteriores.

---

4 Grémio Nacional de Editores e Livreiros, órgão de representação profissional dos editores portugueses fundado em 1939, decorrente da Associação de Classe dos Livreiros de Portugal (1927).

Em linhas gerais, a exposição e a quinzena tinham como proposta a divulgação da *antiga e da moderna* literatura portuguesa, bem como levar ao público uma amostra da qualidade das edições e do desenvolvimento do mercado livresco português. Não se restringindo às obras literárias — embora esse tenha sido o foco principal —, a exposição também incluiu em seu catálogo, por exemplo, livros de outras áreas do conhecimento como história, teologia, belas-artes, filosofia e direito.

Percebe-se com isso que o intuito principal do evento era estabelecer uma ponte entre Portugal e o Brasil, tornando-se

uma oportuna iniciativa em prol do estreitamento das relações luso-brasileiras (...) [que] constituiu um acontecimento de alta expressão cultural dentro do programa de interessantes e oportunas realizações que caracterizam o momento luso-brasileiro, de tão estreita cooperação e compreensão recíproca, testemunhada por tantos fatos em que ressuma a lealdade entre os dois povos nas relações entre si (ESPELHO, 1941).

Encarada como um “espelho fulgurante da cultura lusitana”, a organização do evento ficou a cargo de Antônio de Sousa Pinto, qualificado como “um livreiro inteligente e dinâmico” (ESPELHO, 1941). A escolha não foi tomada de modo desprezioso, haja vista que a carreira de Sousa Pinto como começara no Rio de Janeiro.

Nesse período, ele desenvolveu um papel importante na difusão do livro português no mercado livresco brasileiro a partir de sua primeira editora, a Livros de Portugal, fundada em 1941, e, anos depois, pela Editora Dois Mundos. O sinete desta última tornou-se, mais tarde, uma das coleções de sucesso da marca editorial Livros do Brasil.

Outra hipótese que nos possibilita compreender a escolha de Sousa Pinto como organizador do referido evento, cujo alicerce era o regime de colaboração e parceria entre Brasil e Portugal, é que ele,

filho de pai brasileiro, mas com nacionalidade portuguesa, personificava a união entre as duas pátrias.

Assim sendo, a imagem e o corpo de Sousa Pinto podem ser compreendidos como o símbolo para uma possível síntese da cultura lusófona, principalmente no que tange a sua travessia pelo Atlântico com destino às terras brasileiras, que resultou na criação da sua primeira casa editorial.

Nas palavras de Sousa Pinto, o evento contribuiu para “a aproximação luso-brasileira através do instrumento mais precioso de propaganda: o livro, o melhor amigo, o companheiro fiel que o homem tem a seu lado para todas as horas” (ESPELHO, 1941). Para que isso se concretizasse, ele teve o apoio de livreiros e editores de Portugal, além, é claro, das livrarias e editoras brasileiras que viam nessa iniciativa um novo horizonte de expectativas para o mercado do livro.

Para Sousa Pinto, tal experiência lhe permitia conhecer dois públicos, não mencionados por ele, a partir do contato com os livros. No entanto, ao analisarmos a sua trajetória profissional, podemos considerar que o editor se referia aos leitores brasileiros e lusitanos.

A programação do evento contou com diversas atividades, entre elas “A noite da poesia portuguesa” e uma série de palestras.<sup>5</sup> Porém,

---

<sup>5</sup> O evento ocorreu na Academia Brasileira de Letras, com abertura proferida por António Ferro (com um pronunciamento intitulado *Brasil-Portugal, Estados Unidos da saudade*) e as declamações das poesias foram realizadas por Margarida Lopes. Para as palestras, a Comissão Executiva convidou vários intelectuais brasileiros, dentre os quais figuraram Afrânio Peixoto, Serafim Leite, Alceu Amoroso Lima, Jayme Cortesão, Arthur Ramos, Affonso de Mello Franco, Augusto Maia, Gilberto Freyre, Tasso da Silveira, Álvaro Lins, Armando Figueiredo, Elmano Cadin, Paulo Filho, Levi Carneiro, Affonso Lopes de Almeida, Arnon de Mello, Frederico Schmidt, Pedro Calmon, Renato Almeida e Oswaldo Orico. É importante frisar que, apesar do número expressivo de mulheres no mercado editorial, como se pode notar, elas estão ausentes de eventos, como este apresentado (cf. ESPELHO, 1941).

o que ganhou destaque foi o Concurso de Montras,<sup>6</sup> do qual participaram livrarias do Rio de Janeiro e São Paulo, merecendo destaque a Freitas Bastos, Civilização Brasileira, Francisco Alves, Guanabara, Briguet, Globo, Moura & Flores e José Olympio.

Com o objetivo de levar para o público “uma biblioteca modelo da cultura lusíada”, o concurso de montras funcionou como uma verdadeira fuga “da banalidade rígida do mostruário inerte para o ‘stand’ impressionante com curiosas elucidaciones de ordem técnica” (EXPOSIÇÃO, 1941a). Tendo como forma de incentivo para a participação, as livrarias concorreram ao prêmio de cinco contos de réis, financiado pela SPN, na figura de António Ferro. A editoras inscritas no certame concorreram em duas categorias: Concepção e Realização, nas quais a José Olympio e a Civilização Brasileira saíram vitoriosas.

De fato, a exposição e a quinzena causaram muitos ruídos entre os próprios intelectuais e na imprensa brasileira. Tanto que o *Correio Paulistano* preocupou-se em noticiar quanto a repercussão do evento em Lisboa estava sendo positiva.<sup>7</sup>

Em tom elogioso, a matéria destaca a importância dos esforços coletivos entre os dois países para a realização do evento, revelando o “singular brilhantismo, o alto interesse e o particular carinho” (EXPOSIÇÃO, 1941b) entre portugueses e brasileiros. Souza Pinto novamente ganha destaque, sua figura torna-se uma espécie de símbolo

---

6 Montra é um substantivo feminino da cultura lusitana que, no Brasil, classificamos como vitrine. A etimologia do substantivo, portanto, nos indica que para homenagear Portugal a civilização nos trópicos seguiu, de fato, todos os ritos que tange à valorização e divulgação da cultura portuguesa de Portugal.

7 É interessante notar que a matéria inicia informando que os dados tinham sido enviados por via aérea (pela companhia Vasp), elemento que demonstra como as conexões entre os dois países não se limitavam às letras. Fazia-se necessário, portanto, ampliar as formas de contatos e, nesse caso de aproximação, seja ela pela força das ideias, seja pelo encurtamento das distâncias geográficas.

representativo da conexão entre as duas nações.

[...] das diligências efetuadas e das facilidades encontradas na preparação destes importantes objetivos e do processo de auxílio encontrado junto das entidades brasileiras, têm sido publicadas em vários jornais e comentadas com calorosos elogios aos srs. embaixadores de Portugal e diretores do DIP e SPN [...] afirmando que o sr. Antonio Ferro encontrou na colaboração do dr. Lorival Fontes, o complemento imprescindível à unidade do pensamento e sentimento indispensável para a efetivação da grande obra de aproximação intelectual e artística de ambos os países (EXPOSIÇÃO, 1941b).

Podemos considerar que a aproximação e a unidade de pensamento, destacadas no excerto acima, ultrapassavam as relações editoriais ou de divulgação da literatura de ambos os países. Nesse cenário, a relação entre António Ferro e Lorival Fontes era experimentada dentro do contexto político no qual os dois países estavam vivendo naquele momento: a ditadura de Salazar (1933-1974), em Portugal, e o Estado Novo brasileiro chefiado por Getúlio Vargas (1937-1945).

Além disso, não podemos desconsiderar que as aproximações entre os dois regimes e a cultura política vivida em ambos os países possibilitaram o estreitamento, facilitando, dessa maneira, o comércio e a circulação de livros entre o Brasil e Portugal, bem como o surgimento de novas editoras especializadas na publicação de obras tanto de literatos brasileiros quanto portugueses.

Foi nesse contexto que Sousa Pinto criou a Livros de Portugal (1941) e a Livros do Brasil (1944), embora na sua primeira editora ele tenha atuado de modo efetivo por apenas três anos, devido ao seu regresso a Portugal para a fundação da LB, sendo esta última o resultado “literalmente transatlântico, forjado nos cruzamentos e nos trânsitos de livros, ideias e pessoas entre os dois lados do oceano em que a língua portuguesa é falada” (MEDEIROS, 2018, p. 220).

Bárbara Ribeiro Gonçalves (2018) considera que os principais desdobramentos da Exposição e Quinzena do Livro Português (1941) foram: o aumento nas exportações das obras portuguesas e, conseqüentemente, uma injeção de capital no mercado editorial de Portugal; a Quinzena do Livro Português (1943), realizada em Recife; e, por último, a I Exposição do Livro Português Feminino, de 1949, que ocorreu no Rio de Janeiro.

O esforço de reconhecer e delimitar os espaços nos quais foram realizadas as atividades pertencentes à Exposição e Quinzena do Livro Português (1941), bem como quais foram os sujeitos e as editoras envolvidos na sua realização, torna-se imprescindível para compreendermos a trajetória de Sousa Pinto e suas relações com o Brasil, uma vez que tais fatores, associados às questões particulares do mercado editorial de Portugal, foram cruciais para que se estabelecessem as condições adequadas para a fundação da LB, a qual teve como um dos principais projetos editoriais a coleção Livros do Brasil, cujo catálogo objetivou publicar escritores brasileiros em terras lusitanas.

Assim sendo, buscamos analisar a trajetória de Sousa Pinto e da Livros do Brasil enquanto produtora e partícipe do processo de inclusão da literatura brasileira no mercado internacional dos livros, atentando para a sua atuação editorial como uma rede de conexões entre o Brasil e Portugal.

### **A editora e coleção Livros do Brasil**

Como já afirmamos anteriormente, as relações tecidas por Sousa Pinto com o Brasil o levaram a fundar, em parceria com Joaquim de Sousa Pinto, a editora Livros do Brasil, em 1944, na cidade de Lisboa, com objetivo inicial de distribuir os livros brasileiros em Portugal.

Antes de darmos continuidade a essa discussão, é interessante definirmos o percurso de criação da Livros do Brasil. Primeiro, Sousa

Pinto, em parceria com Jaime Cortesão,<sup>8</sup> fundou a Livros de Portugal, no Rio de Janeiro, em 18 de março de 1941. No mesmo ano, através da LP, foi criada, na cidade de Lisboa, a Agência Editorial Brasileira. Ambas tinham como principal característica as atividades de distribuição de livros, embora a primeira também tenha se dedicado a reeditar obras clássicas da literatura portuguesa e, anos depois, da literatura brasileira.

Em 1944, Sousa Pinto, aproveitando-se do movimento realizado pelas editoras portuguesas que retornavam a publicar as obras dos escritores brasileiros em Portugal,<sup>9</sup> compra a filial da Livraria Civilização Brasileira<sup>10</sup> (CB) em Lisboa e, em seguida, muda o nome fantasia para Livros do Brasil. Esse fator revela, pois, a brevidade da atuação de da CB no mercado editorial português e, ao mesmo tempo, dimensiona a sua importância, tendo em vista que, aproveitando do câmbio favorável, esta criou condições para a circulação do livro brasileiro no sistema livresco lusitano.

Apesar da mudança, nos primeiros anos de funcionamento, Sousa Pinto manteve a mesma atividade de Octalles Marcondes Ferreira, ou seja, a comercialização de obras brasileiras editadas no Brasil. Essa

---

8 Jaime Cortesão (1884-1960) foi médico e político. Fundou diversas revistas, entre elas *Nova Silva*, *A Águia*, *A Vida Portuguesa* e *Seara Nova*. No período em que morou no Brasil, a partir de 1939, foi professor universitário, atuando na área de estudos sobre os descobrimentos portugueses e a formação do Brasil.

9 Na década de 1930, em Portugal, há uma forte presença de livreiros e editores brasileiros vendendo obras dos nossos escritores que eram editadas no Brasil, o que causou um fascínio nos leitores lusitanos pela literatura brasileira, principalmente pela visualidade das edições. Como forma de reação a este processo, as editoras portuguesas retornam a venda de livros de literatura brasileira a preços mais baixos, fator que impediu que filiais de livrarias brasileiras continuassem atuando no mercado editorial lusitano (MEDEIROS, 2018).

10 Cabe frisar que a Civilização Brasileira já pertencia a Octalles Marcondes e que os livros vendidos eram os editados pela Companhia Editora Nacional.

pode ser considerada uma estratégia de mercado, pois o editor conseguiu manter um público que já era leitor e conhecedor da nossa literatura. Todavia, é preciso considerar o fato de que uma editora portuguesa vendendo e produzindo livro de autores brasileiros gesta outras sensibilidades, mobiliza formas de leitura e de recepção literária.

Dado o sucesso das publicações, a LB montou sua própria oficina gráfica e iniciou o processo de produção e confecção de um catálogo cujo objetivo era divulgar a literatura brasileira em uma coleção que carregava o sinete da editora. Com o passar do tempo, apenas distribuir já não era o suficiente, tornava-se demasiado caro e cada vez mais inviável devido aos altos custos financeiros para a importação dos exemplares e, conseqüentemente, do seu valor de venda em Lisboa, fazendo com que Sousa Pinto ampliasse as intenções iniciais do projeto.

O alargamento do escopo de atuação editorial da Livros do Brasil foi materializado em um paratexto da terceira edição portuguesa do livro *Olhai os lírios do campo*,<sup>11</sup> de Érico Veríssimo:

A firma Livros do Brasil, L.da, cuja acção editorial tem sido orientada de um modo especialmente fiel à sua designação — pela divulgação do livro brasileiro em Portugal — reconheceu, ao cabo de alguns anos de esforço, que a sua iniciativa era dificultada e prejudicada pelas sempre crescentes despesas de importação, ex-

---

11 Não identificamos a data de publicação da terceira edição portuguesa de *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo, pois na Base Nacional de Dados Bibliográficos de Portugal existem datas temporalmente anacrônicas: há registro de que a quarta edição foi lançada em 1955 e, ao mesmo tempo, que a terceira edição data de 1958. Essa dificuldade de estabelecer uma cronologia exata para as publicações advém do fato de que não existe um acervo institucional da Livros do Brasil, ficando a cargo dos pesquisadores inventariarem documentos a partir do estabelecimento de percursos próprios de investigação.

traordinariamente agravadas pela diferença cambial entre os dois países. O livro brasileiro, importado, torna-se hoje dificilmente acessível ao público português, dadas as sobrecargas que o oneram e que não encontram compensação no nosso nível de vida. Por outras palavras: é impraticável uma larga divulgação em Portugal de livros de autores brasileiros editados no país irmão em vista das inevitáveis diferenças de preços. [par.] Ora, a firma Livros do Brasil, L.da, impôs-se, em primeiro lugar, uma missão de divulgação cultural. Entende que o livro não pode ser luxo de raros, mas sim matéria acessível a toda a gente. [par.] Perante este problema, uma questão resultou da experiência da sua actividade. Como tornar acessíveis ao público português as obras-primas da literatura brasileira, contemporânea ou não, que tanto enriquecem o património da língua portuguesa? [par.] A solução encontra-se, embora com sacrifício imediato, num acordo com as grandes editoras do Brasil. Mas, correspondendo, assim, ao seu plano inicial, de que não quer afastar-se, espera encontrar também compensação no acolhimento que o nosso público tem dado sempre às suas edições e que, com mais razão ainda, continuará a dar-lhe de futuro. [par.] Nessa conformidade, Livros do Brasil, L.da, inicia com o presente volume uma colecção das obras mais representativas da literatura brasileira contemporânea — romances, ensaios, novelas, crítica — na certeza de que, editando-as no nosso País, as irá revelando sucessivamente ao público português em condições mais acessíveis às suas possibilidades (LIVROS DO BRASIL, s. d., p. 5, *apud* MEDEIROS, 2010, p. 173-174).

Como é possível perceber, Sousa Pinto passou por diversas dificuldades comuns a outras livrarias da década de 1940 que também se dedicavam à venda de livros importados. Entre os problemas podem ser citados: a falta de recursos financeiros e cambiais, condições estruturais precárias e a dificuldade de formação de um público leitor, mesmo que nesse caso se tratasse de dois países de língua portuguesa.

Embora o editor não mencione, ao analisarmos o catálogo da Livros do Brasil, podemos constatar que ela não dependia exclusiva-

mente dessa coleção. No entanto, a coleção era a sua marca de distinção dentre as demais editoras portuguesas.

A LB investiu grande parte do seu capital financeiro em traduções de obras consideradas grandes clássicos da literatura mundial, as quais chegaram ao público lusitano em coleções como a Argonauta e a Miniatura. Para Medeiros (2018, p. 221), a decisão de Sousa Pinto em investir nessa tipologia literária contribuiu

fortemente para a consolidação em Portugal do consumo de livro de bolso, com a colecção Miniatura e para a sedimentação dos livros policiais e de ficção científica, com as colecções Vampiro e Argonauta, que durante décadas se constituíram com as referências os respectivos gêneros.

Ademais, o investimento nesse tipo de publicação proporcionou ao editor uma redução nos riscos de falência, tendo em vista que muitos títulos já pertenciam ao gosto literário do leitores lusitanos, e, ao mesmo tempo, funcionou como porta de entrada para que o público aderisse às outras coleções e a novos autores lançados pela editora, como é o caso da Coleção Livros do Brasil, uma vez que o selo indicava um sinal de distinção e de um sistema de valores, tanto pelos aspectos textuais quanto estéticos da própria materialidade do livro enquanto objeto cultural e de consumo.

Além disso, visando reduzir custos, Sousa Pinto chegou a comprar os direitos de publicação de algumas obras que pertenciam a editoras brasileiras, já que se tratava de países de língua portuguesa. Por exemplo, pela publicação das obras de A. J. Cromin Sousa Pinto pagou US\$ 3.000, por título, à Editora Globo, de Porto Alegre.

Por outro lado, investir nesse segmento editorial possibilitava que tais obras traduzidas circulassem não apenas em Portugal, mas também em países que tinham o português como língua oficial, dado que, a exemplo do Brasil, apenas no final da década de 1950 é que se

tem estabelecida uma lei proibindo a circulação de edições portuguesas sem taxação alfandegária.

É importante destacar que Sousa Pinto conhecia muito bem o mercado lusitano no qual estava ingressando e também compreendia como funcionavam as formas de produção e recepção dos livros e o sistema literário brasileiro, uma vez que sua permanência no Brasil e o fato de ter organizado o Concurso de Montras o puseram em contato direto com as principais editoras e livrarias brasileiras.

Acrescente-se a isso o fato de que o trânsito de Sousa Pinto entre o Rio de Janeiro e São Paulo, bem como o período que residiu no Brasil, fez com que ele estabelecesse contato com diversos escritores, entre eles Érico Veríssimo. Vale lembrar que a Livros de Portugal<sup>12</sup> situava-se na rua do Ouvidor, número 106, enquanto a Livraria José Olympio Editora, uma das principais editoras brasileiras, encontrava-se instalada na mesma rua, no número 103. Assim sendo, os encontros entre editores e escritores eram inevitáveis.

É importante salientar que já havia ações em Portugal anteriores às atividades editoriais de Sousa Pinto que possibilitavam um ambiente propício para a inserção da literatura brasileira no sistema literário lusitano, entre as quais podemos destacar: a Quinzena do Livro Brasileiro, realizada em 1928; o trabalho de divulgação feito por José Osório de Castro Oliveira;<sup>13</sup> a instalação de uma filial da Livra-

---

12 Em 1946, a Livros de Portugal foi transferida para a rua Gonçalves Dias, número 62, no Centro do Rio de Janeiro. A mudança de endereço não distanciou a editora do *locus* central de circulação e produção de livros da capital carioca naquele momento, tendo em vista que a rua em questão cruzava com a rua do Ouvidor.

13 José Osório de Castro Oliveira (1900-1964) foi um crítico, escritor, tradutor, ensaísta e cronista português. Morou no Brasil de 1911 a 1914, período em que seu pai foi diplomata. Segundo Thiago Mio Salla (2016), José Osório de Oliveira exerceu um importante papel na divulgação do romance moderno brasileiro entre as décadas de 1930 e 1950.

ria Civilização Brasileira, de Octales Marcondes Ferreira, na cidade de Lisboa, em 1932; e a atuação da Agência Editorial Brasileira, criada em 1941 pelo livreiro Getúlio Costa e continuada por José Rodrigues Júnior.

As atividades editoriais da Livros de Portugal também causaram impacto no que diz respeito à abertura do mercado português para o livro brasileiro. Mesmo com sede no Brasil, ela mantinha relações diretas com Lisboa através da Agência Editorial Brasileira, a qual distribuía os títulos brasileiros tanto em Portugal quanto nas suas ilhas e colônias. Esse aspecto é um dos pontos fulcrais para compreender o lugar da Livros do Brasil em Portugal; afinal de contas, a editora e a agência pertenciam ao mesmo dono, Sousa Pinto.

Nota-se, portanto, que o trânsito do editor por além-mar tinha um fluxo contínuo e funcionava como uma ponte e aproximação entre os dois países, por meio das atividades da LP, as quais se tornaram amplamente conhecidas pela Coleção Clássicos e Contemporâneos<sup>14</sup> da literatura portuguesa, ou pela distribuição de livros no Brasil e em Portugal.

Como recurso editorial, Sousa Pinto elegeu a coleção como modelo de organização gráfica e tipográfica para divulgação da literatura brasileira e outras ficções (romances policiais, ficção científica), por considerar que seria mais fácil e adequado do que divulgar as obras e seus respectivos autores de modo individual. Por esse motivo, as publicações lançadas pela Livros do Brasil eram conhecidas pelos leitores por seu caráter de reunião e formação de um conjunto, pela

---

14 Dirigida por Jaime Cortesão e ilustrada por Vieira da Silva, a coleção fez muito sucesso no Brasil, principalmente pelas reedições de obras portuguesas que estavam esgotadas. Aqui reside mais uma semelhança entre Sousa Pinto e José Olympio: ambos investiram em coleções, nos projetos gráficos das edições e na ampliação das formas de produção e circulação dos livros.

seleção de gêneros literários ou critérios nacionalizantes, em que se realizava um diálogo entre as obras a partir das estruturas organizativas do mercado editorial ou da crítica literária.

Para Maria Rita de Almeida Toledo (2013, p. 8), ao estudar a trajetória da Companhia Editora Nacional, a escolha por coleções

decorre da compreensão de que esse gênero editorial pode ser definido pelo processo de padronização material a que submete os textos escolhidos para compor seu plano editorial, em termos de cobertura (capa, lombada, quarta-capa), de estrutura interna (estabelece-se um modelo sob o qual os textos publicados são submetidos) e das estratégias de divulgação. [...] a coleção é sempre um conjunto de livros especialmente selecionados para um leitor especial. A coleção, desde seu nome, dá a ver a prescrição de seus leitores e de seus usos. Nesse sentido, inscreve-se materialmente como mercadoria flexível, que permite sua adequação às condições do mercado, seja para conquistar novos leitores, seja para ampliar o consumo do público contumaz.

Os apontamentos acima nos ajudam a compreender o projeto inicial de Sousa Pinto e a dimensão que a Coleção Livros do Brasil tomou no mercado livresco lusitano, bem como no cenário literário do Brasil, uma vez que ao mesmo tempo que manteve o leitor que consumia as edições comercializadas pela Civilização Brasileira, ampliou e alcançou novos públicos, internacionalizando os literatos brasileiros, mesmo tratando-se de um país de língua portuguesa.

Além disso, a Livros do Brasil demarcou uma cultura visual com capas e lombadas caracterizadas por desenhos coloridos assinados por artistas como Infante do Carmo e Bernardo Marques, o último ligado ao Estado Novo de Salazar, atuando como decorador oficial. Cabe destaque, também, a periodicidade da coleção, mais frequente entre o final da década de 1940 até 1960. A partir de 1970 até 1990, há um distanciamento maior entre as datas de publicação de novos

títulos ou de reedições de obras já existente na coleção.

Ainda em relação aos recursos gráficos, a qualidade do projeto gráfico adotado estava inserida em um movimento coletivo experimentado pelo mundo editorial português naquele período. A partir da década de 1940, os editores portugueses, inspirados pelos projetos gráficos das Edições Ática e da revista *Presença*,<sup>15</sup> pensaram novas propostas de visualidades para as obras produzidas.

Isso passou a definir um posicionamento dos editores lusitanos diante das expectativas de um novo modelo de produção e consumo de livros em Portugal, rompendo com os padrões estabelecidos até então (MEDEIROS, 2010). Além disso, as coleções, com identidade visual e projetos intelectuais bem definidos, começaram a ganhar corpo e a ser valorizadas.

Inserida nesse contexto de mudanças e consolidação de novas práticas editoriais, encontrava-se a editora de Sousa Pinto juntamente com a sua principal coleção, a Livros do Brasil, a qual carregava a sua marca tipográfica.

Embora relevante, a assertiva de Medeiros (2010) não dimensiona de modo profundo o escopo de influências, confluências, as rupturas com a tradição e o início das novas atividades editoriais nas edições portuguesas, em especial as da LB, uma vez que, ao compararmos as obras de escritores brasileiros lançadas na coleção Livros do Brasil com as edições brasileiras pertencentes ao sinete da José Olympio Editora, é possível notarmos que Sousa Pinto, apesar de algumas diferenças visuais, publicou exemplares com o mesmo projeto gráfico da J. O.

Para tornar mais clara essa assertiva, pode ser utilizado como

---

<sup>15</sup> A revista *Presença* foi um periódico publicado entre 1927 e 1940. Criada por José Régio, Branquinho Fonseca e Gaspar Simões, tornou-se um importante veículo de disseminação do modernismo português.

exemplo o caso de Rachel de Queiroz. Em 1972, a LB lançou uma coletânea cujo volume era composto de 402 páginas, contendo três romances da literata (*O quinze, João Miguel e As três Marias*). Esse mesmo modelo de projeto já tinha sido utilizado pela José Olympio em *Três romances*, no ano de 1948.

A única diferença encontrada entre as duas publicações é que a edição portuguesa não continha um título para demarcar a unidade editorial, de modo que os três romances foram evidenciados já na capa do livro, que contou com uma tiragem de 3 mil exemplares, sendo 200 deles enviados para a crítica literária.

Justificando sua escolha, Sousa Pinto afirmou, em carta enviada a Rachel de Queiroz, que para ele tratava-se de

[...] uma grande honra poder publicar essas obras (*O quinze, As três Marias e João Miguel*) em Portugal. Creio que a sua junção num só volume, a exemplo do que fez o José Olympio, é aconselhável e, por isso, tomei a liberdade de preencher o formulário de contrato, nos termos habituais, juntando o cheque relativo ao respectivo ordenado. Fico-lhe muito grato se me devolver o contrato devidamente assinado, a fim de que a obra possa aparecer aqui nos primeiros meses de 1971 (grifos nossos).<sup>16</sup>

Nota-se que Sousa Pinto entrou em contato direto com a autora para decidir os aspectos formais da publicação, embora os direitos autorais das obras de Rachel de Queiroz pertencessem à José Olympio Editora. Essa decisão do editor português foi motivada pelo fato de que ele e José Olympio não tinham chegado a um consenso nem sobre a forma do projeto gráfico nem sobre os lucros que seriam obtidos com a edição em Portugal.

---

16 Carta de Sousa Pinto a Rachel de Queiroz. Lisboa, 16 de dezembro de 1970. Departamento de Literatura do Instituto Moreira Sales (Rio de Janeiro). Acervo Alba Frota. Pasta: direitos autorais de Rachel de Queiroz.

A Livros do Brasil, ao publicar os literatos brasileiros com seu sinedote, tinha de manter, em certa medida, as condições gráficas e tipográficas das edições produzidas no Brasil, haja vista que a circulação das edições da Editora Globo e as atividades iniciais de Sousa Pinto como distribuidor, por exemplo, já haviam instituído uma cultura visual para as obras em questão.

Desse modo, as formas de circulação e recepção das obras literárias também passam por um reconhecimento visual que se estabelece entre os leitores e os editores, mas sem perder de vista a importância dos textos abrigados nos suportes, pois, para que a literatura brasileira se tornasse popular entre os lusitanos, eram necessárias duas medidas: o estabelecimento de uma rede de sentidos e a construção de sensibilidades em torno do livro brasileiro, o qual, com o investimento da Livros do Brasil, passa a ser, também, um produto português.

Ainda segundo Medeiros (2010), é necessário levar em consideração que, apesar da renovação gráfica e da busca por uma identidade própria, o sistema editorial português não conseguiu desvencilhar-se totalmente do seu modo de produção anterior, marcando profundamente a organização administrativa e os investimentos financeiros das editoras. Assim sendo, a Livros do Brasil manteve a velha política editorial e a coexistência entre edições próprias destinadas a um público específico e em paralelo a importação de livros de além-mar.

Sousa Pinto foi sensível e estratégico ao investir na literatura brasileira; afinal, ele conhecia bem tanto o mercado editorial brasileiro quanto as estruturas canônicas, conforme mencionamos. Nesse intervalo, destacam-se, em especial, as obras dos literatos vinculados ao movimento modernista, com ênfase nos escritores do Nordeste, os quais, através de suas narrativas, possibilitaram a produção de uma paisagem simbólica e afetiva do Brasil, ou seja, um caminho possível de conhecer nosso país a partir de outra perspectiva, mesmo que, inicialmente, tenha sido produzido um forte apelo para a literatura de Érico Veríssimo, cujas tramas são

ambientadas no Sul do país.

Ademais, o período no qual surge a Livros do Brasil é marcado pelo fim de uma crise do livro em Portugal e o início de uma nova fase no mundo livresco lusitano. Nesse cenário, é interessante observarmos que o mercado editorial português se consolida exatamente no mesmo período em que, no Brasil, o comércio de livros estrutura-se de fato como uma atividade comercial com concorrentes e com o aumento da ampliação de suas perspectivas de atuação, ou, como nos lembra Antonio Candido (2000), passamos a ter, de fato, um “sistema literário” forte e sistematizado.

Tanto o empreendimento de Sousa Pinto quanto a Exposição Quinzena do Livro Português, da qual ele foi organizador, tinham como cerne a tentativa de aproximar a língua portuguesa de Portugal com a do Brasil, bem como facilitar as demais trocas culturais advindas desse processo.

Diante disso, pode-se considerar que a literatura fora utilizada como meio para estabelecer um caminho possível de ligação entre o Brasil e Portugal. Essa possibilidade de comunicação entre as duas nações estava atrelada às questões lusófonas.

Desse modo, nos cabe refletir sobre o conceito e as mobilizações feitas pelos intelectuais portugueses e brasileiros em torno da lusofonia, ou seja, ao mesmo tempo que existia um movimento de configuração e determinação de um campo, existia outro que se debruçava sobre o uso deste como possibilidade de consolidar outras relações, a exemplo do mercado editorial. Daí vem o interesse de Sousa Pinto em manter no catálogo de sua editora as obras de Gilberto Freyre, que no Brasil era o principal representante e estudioso da cultura lusófona.

Na década de 1950 a Livros do Brasil publicou várias edições das obras de Gilberto Freyre, período no qual o sociólogo desenvolve com afinco o seu conceito em torno do lusotropicalismo, dadas suas

viagens a Portugal e às colônias portuguesas no continente africano para realizar seus estudos etnográficos financiados pelo Estado Novo salazarista. A expedição de Freyre resultou no livro *Um brasileiro em terras portuguesas* (1953), que, na verdade, se trata do arrolamento de conferências proferidas ao longo da viagem em questão, duas delas com maior destaque: “Uma cultura moderna: a lusa-tropical”, realizada no Instituto Vasco da Gama, em 1951, e “Em torno de um novo conceito de tropicalismo”, na Universidade de Coimbra, em 1952.

As relações de Sousa Pinto, tanto com os editores brasileiros — quando se encontrava em Portugal —, quanto com a Livros do Brasil em funcionamento tiveram como primeira parceria a Editora Globo, de Porto Alegre, na figura de Ruy Diniz Netto,<sup>17</sup> seu representante comercial no Brasil, o qual exerceu um importante papel de intermediário da LB.

A aproximação com a Editora Globo marca a primeira fase de atuação da Livros do Brasil em Portugal, seja pela distribuição de livros, seja pelos primeiros títulos da coleção, que carregava o sinete da editora. A esse respeito, ao realizamos um levantamento cronológico das publicações dos títulos das obras brasileiras lançados no catálogo da LB, identificamos que Érico Veríssimo<sup>18</sup> foi o literato que recebeu a maior quantidade de edições publicadas pela Coleção Livros do Brasil.

---

17 Ruy Diniz Netto era chefe de crediário da Editora Globo.

18 Desse autor, a Editora Livros do Brasil publicou em Portugal as seguintes obras: *O resto é silêncio*: romance (1954); *Viagem à aurora do mundo*: romance da pré-história (1955); *Saga*: romance (1955); *Olhai os lírios do campo*: romance (1955); *Clarissa*: romance (1957); *México*: história de uma viagem (1957); *Um lugar ao sol* (1959); *Gato preto em campo de neve* (1960); *O continente* (1973); *O retrato* (1973); *Solo de clarineta*: memórias (1974) *O senhor embaixador* (1978); *O tempo e o vento* (1979); *O prisioneiro* (1980); *Israel em abril* (1986) e *Incidente em Antares* (1988).

No cenário de aproximações e parcerias com outras editoras, a Livraria José Olympio Editora tem papel fundamental para a composição do catálogo da Livros do Brasil. O primeiro contato entre José Olympio e Sousa Pinto se deu com o objetivo de publicar as obras de José Lins do Rego em Portugal.

Em janeiro de 1949, a LB envia uma correspondência a José Olympio propondo a publicação das obras *Eurídice*, de José Lins do Rego, e *As três Marias*, de Rachel de Queiroz, em Lisboa. Dois meses depois das primeiras negociações, a preocupação era de outra ordem, uma vez que a proposta fora aceita. Agora interessava aos editores estabelecer as diretrizes para as publicações.

Em março do mesmo ano, José Olympio recebe juntamente com o contrato uma relação de que constava a indicação de uma “[...] leve adaptação (chamamo-nos assim)”, para a edição portuguesa, alegando “[...] que em nada altera o pensamento do autor, nem mesmo as formas pitorescas de dizer, quando se trata de diálogo, que essas são intangíveis”.<sup>19</sup>

No entanto, em carta datada de 5 de maio de 1949, a supracitada editora comunica que não seria possível firmar o acordo de publicação das obras devido à exigência clara na qual se solicitava a não modificação dos textos, cujo pedido provinha de seus autores. A justificativa dada por Rachel de Queiroz e José Lins do Rego foi que, ao se tratar de países de língua portuguesa, não haveria a necessidade de adaptação do português brasileiro para o de Portugal.

A parceria da editora de Sousa Pinto com a José Olympio, apesar de conflituosa, foi a que se tornou mais significativa no tocante à aproximação entre os projetos que as distinguiam das demais editoras localizadas em seus países. Ambas investiram na divulgação

---

19 Carta de Sousa Pinto a José Olympio. Lisboa, 15 de março de 1949. Arquivo José Olympio Editora, Fundação Biblioteca Nacional.

da literatura brasileira.

Assim, tanto no Brasil quanto em Portugal, foi lançada uma significativa quantidade de obras pertencentes a escritores oriundos do Nordeste brasileiro, entre os quais figuram os nomes de José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e Gilberto Freyre, bem como autores de outras regiões do Brasil, entre os quais Lygia Fagundes Teles, Clarice Lispector e Agripino Grieco, apenas para citar alguns.

Embora as duas editoras não tenham se reunido para decidir se formariam ou não um catálogo semelhante, pode-se considerar que elas, no que se refere à publicação de tais escritores, apresentaram mais semelhanças do que diferenças em seus projetos editoriais.

Se José Olympio utilizou a literatura associada a Documentos Brasileiros com intuito de levar aos leitores títulos com o quais eles o público pudessem compreender e interpretar o Brasil, em Portugal, a coleção Livros do Brasil, de Sousa Pinto, também apresentou e construiu uma narrativa de descoberta da nação irmã, a qual deveria ser (re)descoberta a partir da literatura, e não necessariamente de áreas do conhecimento como a história, a sociologia ou a geografia.

### **Considerações finais**

Sousa Pinto, à vista das questões apresentadas, foi responsável por divulgar a literatura brasileira em Portugal ao longo do século XX, a partir da sua editora com a coleção Livros do Brasil, que congregou diversos autores, a exemplo de José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Jorge Amado, Érico Veríssimo e Graciliano Ramos.

Além disso, pode-se considerar que existia uma proximidade entre os projetos da José Olympio Editora e da Livros do Brasil, uma vez que o trabalho desenvolvido por Sousa Pinto possibilitou criar uma nova imagem sobre o Brasil em terras portuguesas, diferente da que se tinha: um país dependente ou uma extensão de Portugal, atrasado

e atrelado à cultura lusitana nos trópicos para uma nação independente, com uma rica literatura que se poderia igualar aos grandes clássicos universais.

Todavia, a centralidade das justificativas dos lançamentos dos exemplares da coleção estava calcada no argumento da língua portuguesa como um fator de harmonização e de elo entre os autores e as obras brasileiras com os livros e escritores de Portugal e suas colônias, criando assim as *literaturas de língua portuguesa*. Apesar disso, foi pensado e mobilizado o idioma português em sua diversidade cultural e nas diferentes variações linguísticas.

**RECEBIDO:** 30/06/2020    **APROVADO:** 05/10/2020

#### REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

ESPELHO fulgurante da cultura lusitana, *A noite*, Rio de Janeiro, p. 9, 8 dez. 1941.

EXPOSIÇÃO do Livro Português, *A noite*, Rio de Janeiro, p. 22, 3 nov. 1941a.

EXPOSIÇÃO e Quinzena do Livro Português. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 6, 18 out. 1941b.

GONÇALVES, Bárbara Ribeiro. *Letras brasileiras, papéis portugueses: publicação e publicidade da literatura do Brasil nas páginas do Boletim Bibliográfico Livros do Brasil Lisboa (LBL)*. 2018. Dissertação (Mestrado em Edição de Texto) — Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2018.

MEDEIROS, Nuno. *Edição e editores: o mundo do livro em Portugal 1940-1970*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

MEDEIROS, Nuno. O espaço transatlântico do livro: circulações e assimetrias entre Portugal e Brasil. In: *O livro no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Outro Modo, 2018. p. 183-234.

QUINZENA do livro, *A noite*, Rio de Janeiro, p. 7, 21 out. 1942.

SALLA, Thiago Mio. *Graciliano Ramos em Portugal e nas ex-colônias portuguesas na África: neorrealismo, estadonovismo e afirmação nacional*.

2016. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleções autorais, traduções e circulação: ensaios sobre geografia cultural da edição (1930-1980)*. 2013. Tese (Livre Docência) — Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2013.

### **MINICURRÍCULO**

Gilberto Gilvan Souza Oliveira é doutorando em História pela Universidade Federal do Ceará (PPGH-UFC) e professor temporário no curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Coursou graduação e mestrado em História pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente desenvolve suas pesquisas em torno da história do livro, da leitura e da produção editorial.